

Ministério da Educação – MEC
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC



“Resignificação do Ensino Agrícola”

- Relatório Consolidado da Região Centro-Oeste -

(Urutaí/GO, 27 e 28 de maio de 2008)

APRESENTAÇÃO

O presente documento é resultado do Seminário de Educação Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica da Região Centro-Oeste, cujo tema foi a “*Resignificação do Ensino Agrícola*”, realizado nos dias 27 e 28 de maio de 2008, na Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-Urutaí, em Urutaí-GO. O evento foi promovido pelo Ministério da Educação – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica / SETEC - Diretoria de Formulação de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica e o CEFET-Urutaí.

Observa-se a necessidade cada vez maior do ensino agrícola ser visto em outra dimensão; associado a uma nova cultura do trabalho e da organização social, como a produção orgânica, pequenas propriedades e agricultura familiar.

O objetivo do seminário foi discutir um novo conceito para a formação agrícola, de forma que esta responda a todas as demandas e desafio do momento atual e futuro.

O evento contou com a participação de 42 pessoas, entre educadores da rede federal de educação profissional e tecnológica (diretores de ensino, coordenadores pedagógicos e professores), das seguintes Unidades de Ensino da Rede Federal: Escola Agrotécnica Federal de Cáceres/EAF, Cáceres-MT; Escola Agrotécnica Federal de Ceres/EAF, Ceres-GO; Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá/CEFET, Cuiabá-MT; Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Verde/CEFET, Rio Verde-GO; Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiânia/CEFET, Goiânia-GO; Unidade Descentralizada de Ensino do CEFET Urutaí/Uned Morrinhos, Morrinhos-GO; e Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí/CEFET, Urutaí-GO.

O evento foi organizado em três momentos: inicialmente, foi feita uma reflexão sobre o Ensino Agrícola na Rede Federal – “*Resignificação do Ensino Agrícola*”; no segundo momento, foram formados três Grupos de Trabalho, cujo objetivo foi diagnosticar a realidade da educação agrícola na atualidade, indicar os desafios e propor estratégias para a superação. O terceiro momento ficou dedicado à plenária final. O objetivo foi o de socializar as informações oriundas

dos três grupos e também possibilitar a todos os participantes apresentarem sugestões e críticas enriquecendo as propostas em geral.

O relatório sistematiza os principais aspectos de cada uma das três etapas, a partir dos pontos fundamentais ressaltados pelos palestrantes e participantes dos grupos de trabalho: os elementos centrais relativos a cada tema específico e as proposições que deverão subsidiar a formulação de políticas públicas. Além disto, são contemplados alguns pontos destacados pelos participantes durante os debates. Por fim, são apresentadas breves considerações sobre o seminário, a partir das impressões da própria Coordenadora.

ABERTURA DO SEMINÁRIO

A abertura oficial do Seminário do Ensino Agrícola da Região Norte coube ao Vice-Diretor Geral do CEFET-Urutaí, professor Gilson Dourado Silva, pela representante da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC, Julieta Borges Lemes, Técnica de Assuntos Educacionais da Coordenação Geral de Políticas da Educação Profissional e pelo Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola¹.

Após uma breve saudação aos componentes da mesa o Vice-Diretor Geral do CEFET-Urutaí, professor Gilson Dourado Silva, deu por iniciado os trabalhos.

Coube a Julieta Borges Lemes, Técnica de Assuntos Educacionais da Coordenação Geral de Políticas da Educação Profissional representar a SETEC/MEC. Destacou, a partir de reportagens nacionais e internacionais, a necessidade de que exista um canal de diálogo constante entre as Escolas e a comunidade para que as unidades educacionais apontem respostas efetivas e adequadas às demandas. Que, para tal, é necessário mudar as práticas educativas e que este é um grande desafio para cada uma das Escolas ali presentes.

O representante do GT do Ensino Agrícola, professor Francisco Sobral da EAF-Concórdia apresentou o histórico do Grupo de Trabalho que teve início no ano de 2006, com o objetivo de “repensar o Ensino Agrícola”, disse ele. Isto porque, criadas para atender as demandas do capital, no período da Revolução Verde, têm como desafio atual a realidade sócio-ambiental e econômica de um País em forte e profunda transformação rural.

O docente frisou que, neste ambiente, um essencial desafio do ensino agrícola é subsidiar os estudantes a responderem à seguinte indagação: para que e para quem a utilização de determinada tecnologia?.

¹ - Prof. Canrobert Kumpfer Werlang (Diretor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria/RS); Prof. Eli Lino de Jesus (Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba/MG); e Prof. Francisco José Montório Sobral (Escola Agrotécnica Federal de Concórdia/SC). O Prof. Genival Alves de Azeredo (Diretor do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros da Universidade Federal da Paraíba/PB) não esteve presente.

A criação de currículos integrados tendo a politecnia como base é elemento essencial para a formação generalista do profissional. Este capaz de responder de maneira tecnicamente consistente na perspectiva socioambiental e econômica. Para ele, é fundamental “repensar para quem estamos formando”.

Ao diretor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, professor Canrobert Kumpfer Werlang, também representante do GT do Ensino Agrícola, coube a responsabilidade pela apresentação da Metodologia de condução dos trabalhos.

Antes, contudo, lembrou a importância de que as discussões deveriam ser pautadas também por questões concernentes à educação inclusiva e da relevância de se contextualizar a realidade brasileira na trajetória formativa do estudante.

Já se valendo da experiência do Seminário da Região Norte, em Manaus/AM, o Diretor apresentou a metodologia² através da exposição de diapositivos, como forma de melhorar sua didática e a compreensão do público.

Destacou a opção de se trabalhar em três pequenos grupos visando melhorar a dinâmica do processo, possibilitando estabelecer uma discussão mais aprofundada, objetiva e consistente da temática. Ressaltando, da mesma maneira, que os integrantes de cada grupo receberão em meio físico e eletrônico as planilhas nas quais constam as questões norteadoras para as quais deverão ser apontadas as respostas. As questões foram retiradas do documento base e das contribuições enviadas pela maioria das instituições que atuam no ensino agrícola.

O resultado final do Seminário servirá de subsídio para a SETEC na formulação de políticas para o Ensino Agrícola com Resoluções; Diretrizes e Indicativos.

O professor Aníbal Sebastião Alves Filho, do CEFET-Urutaí, proferiu a palestra motivacional denominada “Equilíbrio”. Nela destacou sobremaneira o envolvimento e o comprometimento para a construção do novo. Sua proposta se fundamentou no binômio “construção-desconstrução” como elementos de estruturação do mesmo novo.

² - Metodologia Participativa – favorece o engajamento, o comprometimento e a participação de todos envolvidos, para a consecução dos objetivos do Evento.

PLENÁRIA FINAL - QUADRO SÍNTESE

Na seqüência são apresentadas as contribuições dos participantes do Seminário do Ensino Agrícola da Região Centro-Oeste, na forma de quadro síntese. Consta dele: proposições, dificuldades e exemplos, tendo como base as 19 questões motivadoras.

Após o Quadro Síntese são abordadas as principais questões levantadas pelos participantes na plenária final e as considerações da Coordenadora sobre o Evento.

PLENÁRIA FINAL - DESTAQUES

A plenária final foi aberta com a apresentação da dinâmica pelo professor Canrorobert. Seu destaque ficou por conta da participação, objetividade e seriedade com que o trabalho foi desenvolvido.

A apresentação das proposições, exemplos e dificuldades coube ao professor Watson Rogério de Azevedo, Coordenador do curso de Gestão Ambiental do Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Verde.

Um dos primeiros destaques apontados na plenária final foi o desafio de valorizar a interdisciplinaridade como estratégia de construção do conhecimento. Neste âmbito ganhou relevância a necessidade de retornar às Unidades de Ensino e Produção – UEPs. Destacou-se que os professores recebiam uma gratificação para cuidar da produção na(s) respectiva(s) área(s) do conhecimento.

O grupo aprofundou a discussão acerca da questão, ressaltando as dificuldades de realização das atividades no contexto do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA. De acordo com os participantes, existem limitações principalmente na questão da insalubridade.

Com relação ao Ensino Agrícola, em particular, os destaques apontados foram:

- articular a criação de uma Rádio Comunitária – com o objetivo de realizar programas de extensão rural, cursos de treinamento e divulgação de notícias relacionadas a área educacional;
- definir estratégias de como trazer os representantes dos Movimentos Sociais para a Escola com o objetivo de conhecer sua realidade;
- desenvolver um programa de incubadora de UEPs;
- refletir sobre a implantação de ações afirmativas (cotas, assistência estudantil, assistência educacional, moradia, entre outros), tratando os desiguais de forma mais inclusiva.;
- fortalecer a Cooperativa Escola e Agremiações Estudantis.

Com referência ao corpo docente e técnico, destacou-se a necessidade do estímulo participação nas ações de extensão. Também foi abordada como necessária a oferta de cursos de formação em Agroecologia para que as Instituições acessem os editais dos Programas PRONERA e Pro Jovem (Saberes da Terra), na perspectiva do fortalecimento da agricultura familiar.

No tocante à pesquisa, o destaque sugerido foi a criação e ampliação de editais específicos para a Agroecologia, no âmbito da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC, do MEC.

CONSIDERAÇÕES DA COORDENADORA

Ao contrário do que se previa inicialmente, o Seminário da região Centro-Oeste teve um menor número de participantes do que o da região Norte. Contribuiu para isto o fato de que alguns representantes de escolas não terem participado. Uns, como no caso da EAF de Cáceres-MT, pelo fato de que a BR-164 ter sido interditada parcialmente pelo Movimento dos Sem Terra e por indígenas. Outros, pela mudança na Direção da Escola, como a Uned de Planaltina-DF, e, ainda, por não ter respondido ao convite, no caso da Uned de Inhumas-GO.

A metodologia continuou a mesma adotada no seminário da Região Norte. Como os integrantes do Seminário entenderam rapidamente as estratégias a serem empregadas bem como já haviam tido contato com as questões norteadoras, o trabalho apresentou resultados extremamente satisfatórios, superando as expectativas iniciais.

As contribuições dos grupos atenderam tantos aos aspectos quantitativos como qualitativos, utilizando uma forma de acordo com os fins a que se destinam, ou seja, servirem de indicativos para o estabelecimento de políticas e ou diretrizes operacionais e exequíveis para o ensino agrícola na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Como é conhecido, a região Centro-Oeste apresenta características territoriais distintas da região Norte, a começar pelo aspecto físico-ambiental. E apesar de também se caracterizar pelas longas extensões e distâncias, a existência de rodovias, ferrovias e hidrovias que interligam seus municípios, a região com as demais e, até mesmo, com outros países, favorece o deslocamento dos estudantes.

A região tem sua área agricultável quase que totalmente explorada. Predominam as grandes propriedades que cultivam a monocultura (grãos e algodão), a pecuária e a criação de animais em confinamento (aves e suínos), integrando a região ao circuito internacional do *agribusiness*.

As pequenas propriedades concentram apenas 1,9 % da área total dos estabelecimentos rurais, apesar de representarem 47,1 % deste total. E, assim como os movimentos sociais, estão concentradas especialmente no entorno da meso-região de Cuiabá e Cáceres, no Mato Grosso.

Assim, mesmo entendendo que a formação do técnico em agropecuária deva atentar para a agricultura orgânica e familiar basicamente no âmbito da pequena propriedade, deve também prepará-lo para atender as peculiaridades regionais fortemente impactadas pela lógica das grandes *commodities*, fundamentalmente agrícolas.

Os participantes demonstraram que esta análise faz parte do contexto educacional, tanto mais em função dos impactos socioambientais e econômicos decorrentes da massiva exploração comercial do campo por sua vinculação ao meio do agronegócio. Merece ser lembrado que sua (análise) internalização e abrangência é limitada, dentre outras, pelas dificuldades oriundas de uma exigência cada vez maior do mercado por um profissional muito especializado.